

JENNIFER McMAHON

*A*  
TORRE *do*  
TERROR

*Tradução de*  
Ana Carolina Mesquita



EDITORA RECORD

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

McMahon, Jennifer, 1968  
M429t A torre do terror / Jennifer McMahon; tradução Ana Carolina  
Mesquita. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2017.  
378 p.; 23 cm.

Tradução de: The night sister  
ISBN: 978-85-01-10973-6

1. Romance americano. I. Mesquita, Ana Carolina. II. Título.

17-42272

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

TÍTULO ORIGINAL:  
THE NIGHT SISTER

Copyright © 2015 by Jennifer McMahon

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-10973-6

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.



*Tempos atrás, tentei convencer meu irmão caçula de que, em algumas noites, enquanto ele dormia, eu me transformava em um monstro.*

*Este livro é para você, Tom.*

2013



## Amy

O coração de Amy bate alucinadamente, sua pele está grudenta de suor.

*Concentre-se, diz ela para si mesma.*

*Não pense na coisa que está na torre.*

Amy sabe que, se pensar demais, não conseguirá fazer o que precisa ser feito.

Olha para a foto, a velha cópia em preto e branco que guardou consigo por todos esses anos, escondida na gaveta de sua mesinha de cabeceira. De tão manuseada, acabou ficando amassada e desbotada, com um dos cantos desgastado.

Nela, sua mãe Rose e sua tia Sylvie ainda são meninas com belos vestidos de verão, posando diante de uma placa onde se lê *O Mundialmente Famoso Circo das Galinhas de Londres*. Cada uma das garotas está segurando uma galinha de aparência preocupada, mas as semelhanças terminam aí. A mãe de Amy exibe um ar zombeteiro por trás dos olhos desconfiados, e seu cabelo escuro está despenteado. Sylvie, por sua vez, parece radiante; era aquela que cresceria e iria para Hollywood. Seus olhos brilham, e suas mechas loiras parecem tão perfeitas quanto as de uma estrela de cinema.

Alguém rabiscara uma data atrás da foto: junho de 1955. Ah, se Amy pudesse viajar no tempo, conversar com aquelas duas garotas, alertá-las do que estava por vir! Avisaria que um dia tudo levaria até aquele momento — Amy sozinha e sem escolha, prestes a cometer um ato terrível.

Ela morde o lábio e se pergunta o que as pessoas dirão a seu respeito depois que ela se for.

Que era uma desajustada, uma mulher com um parafuso a menos. (Mas isso não pode ser dito de todas as mulheres, na verdade? Que são pequenas bombas à espera? Principalmente mulheres como ela, que sobrevivem à base de comida enlatada guardada mensalmente na despensa e que vestem seus filhos com roupas esfarrapadas de segunda mão que nunca servem direito.)

*O que foi que deu errado?*, sussurrarão as pessoas umas para as outras, apalpando alcachofras e abacates na seção de hortifrúti do supermercado.

*Que tipo de monstro era ela?*, talvez perguntem depois de algumas taças de vinho, sentadas em salas de estar bem-arrumadas para reuniões de clubes do livro.

Mas essa gente não sabe nada sobre monstros de verdade; jamais teriam de tomar as mesmas decisões de Amy.

As luzes fluorescentes da cozinha cham e tremulam. Amy respira fundo e olha pela janela. Depois da trilha de cascalho para carros, para além dos dois edifícios do hotel em ruínas com seus telhados afundados e tortos, a torre se inclina de forma precária. Feita de cimento e pedra, foi construída por seu avô anos atrás como um presente para a avó Charlotte: seria sua Torre de Londres.

Amy se lembra, como costuma fazer, daquele verão distante aos 12 anos. De Piper e Margot e do dia em que elas encontraram a mala; de como, depois disso, nada mais foi como antes.

Onde estaria Piper agora? Em algum lugar da Califórnia, rodeada de palmeiras e gente glamorosa, vivendo uma vida que Amy nem sequer conseguia imaginar. De repente Amy sente vontade de conversar com ela, de confidenciar seus segredos e pedir seu perdão, dizendo: “Não entende que é isso o que eu preciso fazer?”

Pensa que talvez Piper e Margot pudessem entender se ela lhes contasse a história toda, a começar por aquela mala.

Porém, o que ela deseja acima de tudo é que existisse um modo de avisá-las.

Olha para a foto antiga em sua mão, apanha um marcador preto na gaveta da cozinha e escreve apressadamente uma mensagem, sobre as galinhas e os vestidinhos estampados. Então enfia a foto no bolso de trás e vai até a janela.

O relógio do fogão marca meia-noite e quinze.

Na torre, uma sombra surge à porta aberta.

Amy está atrasada.

Atravessa o corredor e tranca o ferrolho da porta da entrada (uma besteira, na verdade — uma porta trancada não adiantará de nada), depois para diante do armário e apanha o velha Winchester do avô. Com o rifle em punho, sobe as escadas — as mesmas que subiu a vida inteira. Tem a impressão de que ouve Piper e Margot quando crianças vindo atrás dela, sussurrando, avisando, dizendo (tal como disseram há muito tempo) para ela esquecer aquilo, que não existe o quarto 29.

Amy dá cada passo devagar, obrigando-se a não correr, a permanecer calma e não despertar sua família. O que Mark pensaria se acordasse e visse sua mulher se arrastando de fininho pela escada com um rifle? O pobre e doce Mark, que não faz a menor ideia do que está acontecendo... Será que deveria ter contado a ele os segredos do hotel? Não. É melhor assim, protegê-lo de tudo o máximo possível.

A madeira arranhada sob seus pés range, e ela se lembra da canção que a avó lhe ensinou:

*Quando à sua porta bater a Morte,  
Você pensará já ter visto seu rosto, sem sorte.  
Quando ela pé ante pé subir sua escada,  
De pesadelos você reconhecerá a emboscada.  
Mas se lhe mostrar um espelho o que vai ver  
É que você é ela, e ela é você.*

## Jason

A ligação veio às 00h34: uma mulher relatando ter ouvido tiros e gritos vindos do velho Hotel da Torre.

Jason estava vestindo o casaco, mas estacou com aquela informação, o pavor infiltrando-se no peito e apertando o coração como uma mão gélida.

*Amy.*

Mesmo já tendo batido o ponto e escutado que Rainier e McLellan já estavam a caminho do lugar, Jason decidiu passar por lá a caminho de casa. Dar uma olhadinha não poderia fazer mal nenhum, disse a si mesmo. Ele sabia que o melhor seria deixar aquele assunto de lado e simplesmente entrar em sua caminhonete, voltar para casa e deitar-se na cama ao lado de Margot. Abraçá-la, colocar a mão na barriga dela, sentir o bebê chutando e se revirando enquanto ela dormia.

Porém, uma coisa era o *melhor* a fazer e outra coisa era o que ele *precisava* fazer. Assim que receberam a ligação, ele teve certeza de que deveria ir até o hotel. Precisava conferir se Amy estava bem.

Em dez minutos já estava lá, os faróis iluminando a placa desbotada e apodrecida: *Hotel da Torre, 28 Quartos, Piscina, Não Há Vagas*. Enquanto a caminhonete subia a trilha de cascalho e passava pela torre inclinada e pelos quartos decrepitos do hotel — onde, quando era criança, ele costumava se esconder —, Jason se sentiu estranhamente tonto; então percebeu que não estava respirando direito.

Idiota.



A casa de Amy ficava no alto da trilha para carros, a uns vinte metros das construções baixas que formavam os quartos do hotel. A viatura de Rainier e McLellan estava estacionada na frente da casa, cuja porta da frente estava aberta. Todas as luzes estavam acesas, fazendo com que parecesse iluminada demais e, ao mesmo tempo, de certa maneira, errada — dava a sensação de ser algo que era melhor não encarar diretamente, algo perigoso, como um eclipse.

Ele estivera ali havia uma semana. Amy lhe telefonara na delegacia, inesperadamente, dizendo que precisava muito conversar com alguém, será que ele poderia vir? Ele foi pego de surpresa; com exceção do rápido e impessoal *olá* que trocavam quando se esbarravam na cidade, os dois nunca mais haviam conversado, conversado *de verdade*, desde a época do colégio.

— Posso dar um pulo aí no meu horário de almoço — respondeu ele, sem hesitar.

Parte de Jason sabia que aquilo era errado, sabia o quanto ele estava ansioso para vê-la e como havia se iluminado como uma árvore de Natal só porque a pessoa que ela escolhera procurar fora ele. Pensou em como Margot ficaria desapontada quando ele lhe contasse e, portanto, decidiu que não lhe diria nada. O que os olhos não veem o coração não sente. Além do mais, não era tão terrível assim, era? Ele só estava indo ver uma velha amiga, ajudá-la... Que mal havia nisso? Ainda assim, a culpa rodeava sua cabeça como um mosquito irritante e insistente. *Você ama sua esposa e tem um filho a caminho*, dizia ela. *O que deu na sua cabeça?*

Agora, parado diante da porta aberta, ele ouviu o que parecia ser um gemido baixo. Sua pele se arrepiou. Sacou a arma e caminhou até o corredor de entrada; uma porta de armário estava escancarada, revelando uma fileira de capas de chuva brilhantes e moletons amarfanhados pendurados acima de um amontoado de calçados. Jason avistou tênis cor-de-rosa pequeninos e brilhantes; um par de galochas grandes e gastas que pertenciam ao marido de Amy, Mark;

os chinelos de borracha que ela estivera calçando na semana anterior, quando fora recebê-lo à porta.

— Jay-Jay — dissera ela ao abraçá-lo, meio desajeitada, deixando um pouco de café cair da caneca. — Estou tão feliz que você veio.

Agora ele olhava ao redor, na casa. A sala de estar ficava à direita, a cozinha, à esquerda, e havia uma escada bem na frente dele. Tudo cheirava a mofo, a algo vagamente abandonado. O papel de parede pendia das paredes como tiras de pele esfoladas. O carpete, em tom levemente amarronzado (teria sido branco um dia?), estava tomado de manchas e partes queimadas, desgastado a ponto de ser possível avistar o assoalho em alguns lugares.

Só que ele não tinha notado nada disso na semana anterior.

O rádio do carro de Jason soltou um ruído estridente. Doug Rainier estava no andar de cima. Jason ouviu a voz trêmula dele na casa e, um átimo de segundo depois, ouviu-a também pelo rádio como um eco mecânico.

— Três vítimas — disse ele. — Todas mortas. — E depois, baixinho: — Ah, meu Deus. Ah, merda.

A adrenalina inundou o corpo de Jason antes mesmo que ele pudesse entender completamente as palavras de Rainier. Subiu os degraus de dois em dois, a arma na mão direita.

Amy.

Onde estaria Amy?

A cena no alto da escada quase o fez cair de joelhos. Ele foi obrigado a se apoiar na parede para não cair.

Nunca tinha visto nada igual.

Nunca vira tanto sangue.

Um tiro não seria capaz de causar tamanho estrago.

Havia rastros vermelhos ensanguentados por todo o corredor. Doug Rainier estava ajoelhado ao lado de uma das vítimas, com uma violenta ânsia de vômito. Jason seguiu tropeçadamente até eles. A vítima estava de bruços, seus longos cabelos loiros espalhados em torno da cabeça. Havia um rifle ao seu lado, e ela jazia no que pare-

cia ser um pequeno lago de sangue. O cheiro, pungente e metálico, atingiu-o com toda a força, enchendo sua boca e seu nariz.

— Ah, meu Deus — ofegou Jason, depois deixou-se escorregar pela parede até o chão.

O rosto dela estava voltado para baixo, mas ele sabia que era ela e sabia que estava morta. O braço direito estava escondido embaixo do peito, mas o esquerdo estava estendido. Havia um papelzinho perto do cotovelo. Ele se inclinou para chegar um pouco mais perto: não, não era um papel, era uma fotografia velha. Uma imagem em preto e branco de duas meninas, atravessada por uma frase escrita com marcador preto: “29 Quartos.” Ele piscou; parte de si sabia que aquilo devia significar alguma coisa, que devia ser uma pista, mas, em vez disso, a atenção dele se voltou para a mão de Amy, branca, parecendo cera. Seu anel de noivado e a aliança de casamento cintilaram para Jason, exatamente como haviam feito na semana anterior, quando ela esticou o braço por cima da mesa da cozinha para segurar sua mão.

— Não tenho mais ninguém a quem contar isso, Jay-Jay — disse-ra ela por entre as lágrimas. — Juro, acho que estou ficando maluca.

— Hawke? — chamou uma voz. Jason olhou para cima e viu Bruce McLellan de pé na frente da porta do quarto, do outro lado do corredor. — Que diabo você está fazendo aqui?

Jason não conseguia responder, não conseguia respirar, não conseguia tirar os olhos de Amy.

— Você se lembra, Jay-Jay, de que, quando a gente era pequeno, você escrevia bilhetinhos para mim num código secreto? — perguntara ela, e ele assentira.

Claro que se lembrava. Ele se lembrava de tudo.

— Às vezes eu fingia não entender o que estava escrito — continuou Amy. — Mas eu sempre entendia. Eu sempre sabia exatamente o que você me escrevia.

— Hawke, preciso de você aqui dentro; agora! — vociferou McLellan, e então Jason finalmente virou as costas para Amy e se

pôs a caminhar pelo corredor como uma versão fantasmagórica de si mesmo, alguém que ao mesmo tempo estava ali e não estava.

Quando entrou no cômodo, ele percebeu que aquele era o antigo quarto de Amy. Ele se lembrou de como, na infância, ficava escondido nas sombras da entrada da garagem, olhando para a janela do quarto dela, torcendo para conseguir vê-la de relance.

Agora Jason fez uma rápida análise do interior do lugar: um tapete felpudo cor-de-rosa no meio do assoalho de tábuas largas pintadas de branco; uma cômoda em cujo tampo se via uma pequena coleção de animaizinhos de vidro e plástico; uma cama desfeita, com um edredom de bolinhas cor-de-rosa e lilás retorcido, os travesseiros e os bichos de pelúcia caídos no chão.

McLellan estava parado no centro do quarto, segurando sua arma com as duas mãos. Fez sinal para o chão. Uma trilha de pequeninas pegadas pegajosas levava até uma janela aberta.

— Lá fora — sussurrou ele, com o rosto vermelho e suado. Sua voz parecia infantil, amedrontada. — No telhado.

Ele colou as costas na parede e foi caminhando lentamente pelo quarto, empunhando a arma à sua frente, as mãos trêmulas.

Apoiou as costas na parede à esquerda da janela aberta e começou a escutar com atenção. Ouviu um gemido baixo. Um choramingo. Lá no telhado.

Sirenes uivaram ao longe. Em breve os reforços estariam ali. Ele poderia esperar. Mas e se houvesse alguém lá fora, ferido?

— Departamento de Polícia de Londres! — berrou Jason. — Sabemos que você está aí. Entre com as mãos para cima, onde eu possa vê-las.

Ouviu o barulho de algo se arrastando e rastejando, mas ninguém surgiu.

— Vou sair — murmurou ele, num fiapo de voz. McLellan assentiu e ficou parado onde estava, com a arma apontada para a janela aberta.

Com a própria arma em punho, Jason abaixou-se para passar pela abertura e subiu até o telhado. Imediatamente se agachou e virou-se para a direita, depois para a esquerda, correndo o olhar pelo telhado.

Um par de olhos brilhou na escuridão. Um lampejo de cabelos loiros.

Ele sentiu a arma escorregar de sua mão, ouviu-a atingir o telhado e cair no chão com um ruído metálico. Amy? Impossível; mas ali estava ela, igualzinha a quando ele a conhecera, com aquelas pernas magricelas e o cabelo rebelde.

De repente ele voltou a ter 12 anos: um garoto esquisito e desengonçado olhando para uma garota que guardava todos os segredos com os quais ele já havia sonhado na vida.

— Hawke? — chamou McLellan de dentro da casa. — O que está acontecendo aí?

Jason piscou e tornou a olhar para a garota, enquanto seus olhos acostumavam-se ao escuro. Era igual a Amy, mas não era Amy. Era a filha. Estava agachada ao lado da chaminé torta com gesso despedaçado, apoiando uma das mãos ali para se equilibrar. Seu cabelo loiro estava desgrehado; seus lábios tremiam, os olhos estavam enlouquecidos de pânico. Vestia um pijama de cor clara que cintilava ao luar.

— Lembra de mim? Sou o Jason — disse ele, estendendo a mão. — E vou tirar você daqui.

## *Piper*

Intrigada, Piper olhava para o enorme sumidouro que havia aparecido em seu minúsculo quintal.

Ela dera muito duro naquele lugar, arrancando a grama morta e fazendo um enorme trabalho de paisagismo com plantas que toleravam bem o clima seco: suculentas, sálvia-azul, festuca-dos-prados, grama do tipo *Muhlenbergia*, malva-do-deserto. Uma trilha de pedregulhos levava a um pequeno pátio à sombra de um abacateiro, onde ela às vezes se sentava com um bom livro e uma taça de sauvignon blanc.

Agora o lugar estava desmoronando. Os vizinhos tinham ido até lá, abismados e assustados. (Será que o sumidouro poderia aumentar mais? Aquilo ia engolir o bairro todo?) Sua irmã, Margot, também viera, com a barriga tão imensa pela gravidez que agora andava como um pinguim bêbado.

Jason não fora; um fato que irritou Piper, mas não a surpreendeu.

— Cuidado — disse ela à irmã, pois o abacateiro agora estava sendo engolido, mas no mesmo instante soube que não devia ter dito nada. As palavras e os pensamentos têm poder e, se você permite que seus piores medos tomem forma, corre o risco de transformá-los em realidade.

Como se aquela frase fosse uma deixa, Margot cambaleou perto demais da abertura. Piper estendeu a mão para segurá-la, mas já era tarde. O buraco, que não parava de aumentar, ameaçando engolir tudo, engolfou sua irmã, que despencou em profundezas tão imensas que eles nem a ouviram gritar.

Ao longe, ouviram sirenes. Mas o som era meio engraçado, mais parecia música.

Piper abriu os olhos, viu-se deitada na própria cama.

Virou de lado, olhou para o relógio: 4h32. Do outro lado do quarto, seu celular estava tocando “Like a Prayer”, da Madonna — o toque de Margot.

— Ah, meu Deus! — exclamou Piper num grito sufocado, saltando da cama: o bebê. Eram 7h30 em Vermont, e Margot só telefonaria se algo muito, mas muito ruim estivesse acontecendo.

Piper apanhou o telefone que deixara sobre a cômoda.

— Margot? — disse, meio que esperando ouvir a voz de Jason do outro lado da linha com uma notícia terrível. A pior notícia, aliás: *perdemos os dois*. Estremeceu ao se lembrar da irmã caindo no buraco, sentiu-se tentando agarrá-la, as mãos não conseguindo segurar nada além do vazio.

— Piper — disse Margot, e Piper percebeu um peso deixando seu peito. Porém logo o sentiu retornar ao ouvir a voz embargada da irmã, que continuou: — Desculpe acordar você. Aconteceu uma coisa.

— Com o bebê?

Margot estava com oito meses e meio de gravidez. Era sua terceira gestação. A primeira terminara com um aborto espontâneo na 16ª semana; na segunda, ela dera à luz um bebê natimorto de trinta semanas — um menino a quem eles deram o nome de Alex. Margot e Jason estavam tentando mais uma vez, mas Margot avisara que, se não desse certo, para ela seria o fim das tentativas. Chega. Ela simplesmente não conseguiria mais suportar.

— Não, não. O bebê está bem.

— Jason?

— Não, não é o Jason. É a Amy. Ela... Ah, meu Deus, Piper, é horrível. — Margot começou a chorar.

— Minha nossa, o que aconteceu? — perguntou Piper.

Ela acendeu a luz e piscou com a luminosidade repentina. O quarto ao seu redor tornou à vida — a cama queen size com edredom branco, a velha cadeira de balanço no canto, a cômoda de madeira de bordo com o espelho pendurado acima dela. Piper viu seu próprio reflexo: seu rosto estava pálido e assustado, e a camisola branca a fazia parecer uma aparição, etérea, como se parte estivesse ali e parte não.

Sua irmã fungou, soluçou e por fim conseguiu falar em frases parciais, a voz trêmula:

— Ontem à noite... Estão dizendo que Amy matou Mark e o filhinho deles, Levi, e depois se matou no hotel. Lou... É o nome da filha dela? Lou está viva. A polícia a encontrou agachada no telhado. Ela fugiu pela janela e se escondeu ali... Não consigo imaginar como... O que ela... — Margot deixou a frase inacabada.

Piper não disse nada. Não conseguia se mexer. Respirar.

Depois de um instante, Margot prosseguiu:

— Ela não matou com um tiro simplesmente, Piper. Eles foram... retalhados.

Margot começou a chorar e soluçar novamente. Piper se obrigou a respirar fundo. Por trás do choque e da dor profunda da perda, outra sensação se formou e começou a subir até a superfície: medo.

Piper olhou para a foto emoldurada que deixava sobre a cômoda: Amy, sardenta e sorrindo entre Piper e Margot, os braços envolvendo os ombros das duas. As três meninas pareciam impossivelmente felizes, sorrindo no fundo da piscina vazia, com patins brancos de cadarços brilhantes. A foto estivera em seu quarto no dormitório da faculdade e em todos os apartamentos e casas onde ela havia morado desde então.

— Quando foi a última vez que você conversou com ela? — perguntou Margot, a linha cheia de ruídos, a voz repleta de estática, como se estivesse sendo transmitida de uma estação de rádio muito distante.

— Já faz um tempinho — respondeu Piper, sentindo-se tonta, nauseada. E culpada. Margot a incitara, ao longo dos anos, a procu-



rar Amy, a fazer um esforço. Mas, depois daquele verão, Amy havia deixado claro que não queria continuar sendo amiga dela. As duas não haviam perdido contato completamente — trocavam cartões de Natal com mensagens impessoais, e Amy lhe enviava fotos escolares dos filhos posando diante de fundos coloridos. As duas eram amigas no Facebook, e, de vez em quando, prometiam um dia se ver. No entanto, a cada dois anos, quando Piper ia a Londres para visitar Margot, o tempo sempre parecia passar voando: Amy tinha compromissos de trabalho, ou as crianças ficavam doentes, ou Piper estava apenas de passagem para ajudar a pintar o quarto do bebê. Seja lá por que desculpa, o fato é que ela e Amy nunca chegaram a se reencontrar. *Da próxima vez*, prometiam uma para a outra. *Da próxima vez*.

Talvez Margot tivesse razão: talvez ela devesse ter se esforçado mais, telefonado para Amy ocasionalmente para saber como ela estava, perguntar como iam as crianças, o trabalho de Mark, ter uma conversa típica de mulher. Em sua cabeça, ela conversava com Amy havia anos; na sua imaginação, Amy era a primeira a saber das novidades: cada novo namoro e rompimento de Piper; a ascensão constante da produtora de vídeo que ela e a amiga Helen haviam aberto seis anos antes; seu susto no ano passado com o nódulo que aparecera em seu seio e que, no fim das contas, revelou-se benigno. Mas a realidade é que Piper nunca chegara de fato a pegar o telefone e ligar. Era mais fácil, mais confortador, continuar conversando com Amy em sua cabeça — com a Amy da infância, não a versão adulta com dois filhos cujos nomes ela nunca conseguia lembrar direito e um marido que Piper só conhecia pelas fotos do Facebook.

Ela fitou com mais intensidade a foto sobre a cômoda, tentou recordar aquele dia específico, mas a única lembrança que lhe veio foi o som das rodas dos patins no fundo da piscina, o cheiro do desodorante Love's Baby Soft de Amy e o modo como o braço da amiga em torno de seu corpo a fazia se sentir invencível. Quem havia tirado aquela foto? A avó de Amy, muito provavelmente. A imagem estava inclinada num ângulo estranho, como se a Terra tivesse estado fora do eixo naquele dia.

— Tem mais uma coisa — ofegou Margot ao telefone, com a voz baixa e trêmula. — Uma coisa que Jason disse. — Jason fazia parte da meia dúzia de policiais do pequenino Departamento de Polícia de Londres. Numa cidade onde os maiores crimes eram caça noturna a cervos e um ou outro arrombamento, Piper só podia imaginar como eles deviam estar lidando com aquele horrendo assassinato seguido de suicídio.

— O que é? — perguntou Piper.

— Ele disse que encontraram uma foto antiga na... cena do crime.

— Uma foto? — Por um instante maluco, Piper imaginou que Margot estivesse falando da sua foto, daquela que estava sobre a cômoda.

— É. Parece que é a mesma que encontramos naquele verão. Lembra?

— Sim — respondeu Piper, ofegante.

Ela se lembrava até demais. A mãe de Amy e sua tia Sylvie quando crianças, usando vestidos antigos e abraçando galinhas gordas contra o peito. A foto tinha sido tirada anos antes do desaparecimento de Sylvie. Depois... viera uma foto diferente, de garotas diferentes, de uma infância inocente diferente.

— Bem, alguém *escreveu* alguma coisa na foto. Nada disso foi divulgado para a mídia — prosseguiu Margot. — Ainda. Ninguém na polícia consegue imaginar o que pode significar. A teoria é que Amy era maluca e ponto final. Jason me perguntou se eu tinha alguma ideia do significado daquilo, e eu disse que não. Mas acho que ele sabe que eu menti.

Piper sentiu o aperto em sua garganta se intensificar. Ela engoliu com dificuldade e se obrigou a perguntar:

— O que estava escrito?

Longa pausa. E então, finalmente, sua irmã respondeu:

— Estava escrito “29 Quartos”.

— Ah, meu Deus — disse Piper.

Respirou fundo, sentiu o cômodo se inclinar ao seu redor. De repente tornara a ter 12 anos e estava andando de patins no fundo

daquela piscina velha, com cimento quebrado e pintura descascada. Lá em cima, enquanto Margot dava voltas de ré ao redor da borda, Amy sussurrou um segredo no ouvido de Piper — o hálito quente, as palavras desesperadas.

— Vou pegar o primeiro avião até aí — prometeu Piper. — Não faça nada. Não diga absolutamente nada a ninguém. Nem mesmo para o Jason. Não até eu chegar. Promete?

— Prometo — respondeu Margot, com a voz distante, uma pipa oscilando ao final de uma longa linha que Piper mal era capaz de segurar.